

Formas de tratamento em cartas ao diretor: um olhar sobre a escrita de estudantes em uma escola cívico-militar

*Forms of treatment in letters to the principal: a look
at student writing in a civic-military school*

Bárbara Gomes Citéli
Doutora em Estudos
Linguísticos.
PortVix – Grupo Capixaba de
Estudos de Variação e
Mudança Linguística.
<https://orcid.org/0009-0008-7799-1048>.
barbara.gomes.citeli@gmail.com

Leila Maria Tesch
Doutora em Estudos
Linguísticos.
PortVix – Grupo Capixaba de
Estudos de Variação e
Mudança Linguística
<https://orcid.org/0000-0003-3919-1230>.
leila.tesch@ufes.br

Submetido em: 18/12/2025
Aceito em: 19/03/2026
Publicado: 31/03/2026

e-Location: 20396



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Bárbara Gomes Citéli

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Leila Maria Tesch

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Resumo

O artigo discute o uso de formas de tratamento em cartas produzidas por estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola cívico-militar, à luz das relações entre linguagem e contexto sociocultural. O objetivo geral é investigar como os alunos se dirigem ao diretor, analisando a influência de fatores sociais e institucionais nas escolhas linguísticas. Para tanto, adota-se uma abordagem sociolinguística baseada na análise de 162 cartas de estudantes do 6º ao 9º ano, a partir de uma proposta de escrita para a produção de uma carta de solicitação destinada ao diretor, sem orientação prévia sobre o gênero textual ou o uso de formas de tratamento. Os resultados revelam ampla variação nas formas empregadas, com predominância de tratamentos formais, embora se observe presença significativa de informalidade, evidenciando tensões entre as normas e as práticas linguísticas cotidianas. Verifica-se que o uso de termos gramaticalmente mais formais tende a aumentar conforme o avanço da escolaridade e também se relaciona diretamente à adesão dos estudantes ao modelo cívico-militar, pois aqueles que não se identificam com esse modelo recorrem com maior frequência ao tratamento informal. Compreende-se, então, que as escolhas linguísticas dos estudantes extrapolam o domínio gramatical, refletindo posicionamentos e identidades frente ao contexto escolar. O estudo destaca a relevância de compreender a variação linguística como prática social situada, contribuindo para a análise das relações entre linguagem e construção da identidade no contexto educacional.

Palavras-chave: formas de tratamento; variação linguística; escola cívico-militar.

Abstract

The article discusses the use of forms of treatment in letters written by lower secondary school students in a civic-military school, in light of the relationship between language and sociocultural context. The main objective is to investigate how these students address the school principal, analyzing the influence of social and institutional factors on their linguistic choices. To this end, a sociolinguistic approach is adopted, based on the analysis of 162 letters produced by students from the 6th to the 9th grade, following a writing task that required them to compose a request letter to the principal, without prior instruction on the genre or on forms of treatment. The results reveal a wide variation in the forms used, with a predominance of formal treatment forms, although a significant presence of informal forms is also observed, highlighting tensions between normative expectations and everyday linguistic practices. It is observed that the use of more grammatically formal forms tends to increase with students' level of schooling and is also directly related to their adherence to the civic-military model, whereas those who do not identify with this model tend to use informal forms more frequently. It is therefore understood that students' linguistic choices go beyond grammatical knowledge, reflecting positions and identities in relation to the school context. The study highlights the importance of understanding linguistic variation as a socially situated practice, contributing to the analysis of the relationship between language and identity construction in the educational context.

Keywords: *forms of treatment; linguistic variation; civic-military school*

INTRODUÇÃO

A língua, enquanto fenômeno social, constitui-se como um espaço privilegiado para observar práticas, valores e transformações que atravessam a vida em sociedade. Mais do que um sistema abstrato de regras, ela é uma atividade social situada, moldada pelas interações cotidianas e pelas condições socioculturais em que os falantes estão inseridos. Assim, torna-se imprescindível compreendê-la não como algo fixo ou imutável, mas como um instrumento dinâmico, capaz de refletir as necessidades comunicativas, identitárias e relacionais de seus usuários. Nesse sentido, as formas de tratamento — e, em particular, a escolha entre pronomes formais e informais — configuram um campo fértil para analisar como os indivíduos negociam respeito, hierarquia, solidariedade e distanciamento social.

É nesse horizonte teórico-metodológico que se insere o presente artigo, cujo objetivo é investigar as formas de tratamento empregadas por estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola cívico-militar localizada em uma região *rurbana*, no

sentido proposto por Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), isto é, um espaço constituído pela intersecção entre práticas urbanas e rurais, onde diferentes redes de socialização e de letramento se sobrepõem. Esse contexto híbrido contribui para a constituição de perfis sociolinguísticos próprios, que influenciam diretamente as escolhas linguísticas dos estudantes. Segundo Bortoni-Ricardo (2004),

O contínuo de urbanização pode ser representado da seguinte forma:

variedades área variedades
rurais isoladas *rurbana* urbanas padronizadas

Em um dos polos do contínuo, estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam maior influência dos processos de padronização da língua, como vimos. No espaço entre eles fica uma zona *rurbana*. Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52).

Além disso, ao situar a investigação em uma escola cívico-militar — um modelo educacional caracterizado por disciplina, hierarquia e códigos de conduta mais rígidos —, ampliam-se as possibilidades analíticas sobre como valores institucionais podem influenciar práticas linguísticas. A consolidação deste estudo se situar nesse cenário torna-se ainda mais relevante quando se considera o movimento de implantação e ampliação das escolas cívico-militares no Brasil no início da década de 2020, especialmente impulsionado pelo Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), instituído pelo governo federal em 2019. O programa visava expandir esse modelo de gestão para diferentes estados e municípios, articulando valores de disciplina, ordem e civismo ao cotidiano escolar. Entre 2020 e 2022, centenas de instituições públicas de Ensino Fundamental e Médio aderiram ao modelo, muitas delas localizadas em regiões periféricas ou em áreas de vulnerabilidade social, onde se buscava maior controle disciplinar e melhoria dos indicadores educacionais. Esse

processo de expansão não apenas ampliou a visibilidade das escolas cívico-militares, mas também trouxe à tona debates sobre identidade estudantil, formas de socialização e práticas linguísticas em espaços de forte hierarquização — temas que se articulam diretamente com os objetivos deste estudo.

Do ponto de vista gramatical, as formas de tratamento no português brasileiro constituem um sistema complexo que envolve pronomes, expressões nominais e construções formulaicas. Entre essas formas, a alternância entre *senhor*, típica de situações formais e hierarquizadas, e *você*, associada à informalidade e à proximidade, revela nuances importantes das relações sociais e das representações que os falantes constroem sobre si e sobre seus interlocutores. Analisar como estudantes utilizam esses recursos ao escrever uma carta ao diretor – gênero marcado pela formalidade e por expectativas institucionais de respeito – permite observar tanto alinhamentos quanto possíveis tensões entre usos linguísticos espontâneos e normas sociais prescritas.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este estudo apoia-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por William Labov (2008[1972]), que compreende a língua como um fenômeno heterogêneo e sistemático, cuja variação não é aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e sociais. A perspectiva laboviana permite compreender como escolhas linguísticas, como as formas de tratamento, são sensíveis ao contexto comunicativo, à identidade dos falantes e às normas de interação vigentes em determinados grupos sociais. Ao adotar esse enquadramento, buscamos analisar, principalmente, a alternância entre *senhor* e *você* não apenas como um contraste entre formalidade e informalidade, mas como reflexo de padrões sociolinguísticos associados à hierarquia institucional, às percepções individuais dos estudantes e às dinâmicas culturais que perpassam o ambiente escolar. Assim, o estudo se insere em uma tradição investigativa que articula sistematicamente língua, sociedade e identidade, orientando tanto a coleta quanto a interpretação dos dados.

Para alcançar esses objetivos, foram analisadas 162 cartas de estudantes do 6º ao 9º ano de uma escola cívico-militar, situada no município de Viana, no estado do Espírito Santo, totalizando 470 ocorrências de formas de tratamento, com foco especial

na variação entre o uso de *senhor* e *você*. A escolha metodológica pelo gênero textual carta destinada ao diretor se justifica não apenas por sua relevância no contexto escolar, mas também por constituir uma situação comunicativa que convoca o estudante a posicionar-se discursivamente diante de uma autoridade institucional, principalmente em uma escola cívico-militar, em que questões hierárquicas se destacam.

Por fim, este artigo está organizado da seguinte forma: na seção seguinte, apresenta-se a visão gramatical sobre as formas de tratamento; em seguida, descreve-se a localidade onde se situa a escola e a implantação do modelo cívico-militar; posteriormente, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados na elaboração da atividade proposta, na coleta e na análise dos dados; na sequência, apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos e, por fim, são tecidas as considerações finais, nas quais se retomam as principais contribuições deste estudo.

VISÃO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL SOBRE AS FORMAS DE TRATAMENTO

Considerando que o objeto de estudo em tela é a variação das formas de tratamento, esta seção apresenta as abordagens da Gramática Tradicional sobre as formas de tratamento no português brasileiro. Para essa discussão, tomam-se como referência as gramáticas de Fávero (2017), Cegalla (2004), Cunha & Cintra (2017) e Bechara (2010).

Entendem-se como Formas de Tratamento as expressões que são cotidianamente utilizadas pelos falantes de Língua Portuguesa em interações com seus respectivos interlocutores. Além disso, Fávero (2017) acrescenta que a escolha de determinada forma de tratamento em um determinado contexto de interação não ocorre de maneira aleatória, uma vez que é sabido que tais escolhas também são responsáveis por revelarem crenças e valores da sociedade.

Segundo Cegalla (2004), em sua *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, as formas de tratamento — também chamadas pelo autor de pronomes de tratamento — são recursos usados na interação entre indivíduos, cuja escolha varia conforme fatores como a função ocupada ou a idade da pessoa a quem nos dirigimos. Para o autor,

Entre os pronomes pessoais incluem-se os pronomes de tratamento, também chamados formas de tratamento, que se usam no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso. Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas: você (v.): no tratamento familiar, informal; o senhor (Sr.), a senhora (Sr.^a): no tratamento de respeito; a senhorita (Srt^a): a moças solteiras. (Cegalla, 2004, p.181)

Além disso, Cegalla (2004) reforça em suas observações alguns apontamentos em relação ao uso das formas de tratamento. Entre elas, destacam-se o uso da forma de tratamento *você(s)* – contração de *vosmecê* – que deve ser usado em contextos de interações familiares e íntimas. Igualmente, o autor também apresenta uma observação em relação à forma de tratamento *senhor*. Na linguagem popular, é frequente o uso generalizado da forma *seu* – forma reduzida de *senhor* – como no exemplo apresentado pelo autor: *como vai, seu Pedro?*

Já na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2017), os autores se referem às formas de tratamento exclusivamente como pronomes de tratamento: “Denominam-se pronomes de tratamento certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: você, o senhor, Vossa Excelência” (Cunha; Cintra, 2017, p. 303).

Posteriormente, os autores tratam as distinções entre o uso de *tu*, *você* e *senhor* de modo comparativo entre o que é falado e observado socialmente, tanto no Brasil quanto em Portugal. Quanto ao uso do pronome *tu*, por exemplo, deixam claro que apesar de ter seu uso frequente em Portugal, no Brasil o uso desse pronome restringe-se a certas regiões do país, como o extremo Sul e a região Norte. Chama a atenção a maneira como Cunha & Cintra (2017) descrevem o uso da forma *você*. Em sua gramática, os autores explicam que

Você também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente — e em certas camadas sociais altas — aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar

você de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia. (Cunha; Cintra, 2017, p. 306)

Ao abordarem o tratamento *você*, os autores evidenciam que tal forma é utilizada em contextos de intimidade, sendo recorrente tanto entre interlocutores que ocupam a mesma posição quanto em situações em que há uma relação hierárquica de superior para inferior.

Os autores também explicam os contextos de interação onde corriqueiramente os falantes da Língua Portuguesa utilizam as formas de tratamento *senhor*, *senhora* e *senhorita*. Ao falarem dessa forma de tratamento, Cunha & Cintra explicam a relação de cortesia subjacente a uso, tanto no Brasil quanto em Portugal.

O senhor, a senhora (e a senhorita, no Brasil, a menina, em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes europeia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a tu e você, em Portugal, e a você, na maior parte do Brasil. Em Portugal, quando uma pessoa se dirige a alguém que possui um título profissional ou exerce determinado cargo, costuma fazer acompanhar as formas o senhor e a senhora da menção do respectivo título ou cargo: a senhora doutora, o senhor capitão, o senhor ministro. (Cunha, Cintra, 2017, p. 306)

Também é reconhecido pelos autores o uso do título como forma de tratamento como, por exemplo, *o professor*, *o engenheiro*, *a pedagoga* entre outros. Porém, Cunha & Cintra alertam que nesses casos seria considerado menos respeitoso utilizar o título não precedido de *senhor* ou *senhora*. Recomendam que seriam mais respeitadas formas como: *o senhor professor*, *o senhor engenheiro* e *a senhora pedagoga*.

Os autores ainda reforçam que o emprego de títulos como forma de tratamento é muito mais frequente em Portugal do que no Brasil, onde seria mais comum o uso da forma de tratamento *senhor* e apenas em casos especiais. A exceção para o uso de títulos seguidos dos nomes próprios no Brasil são os casos de patentes dos militares: *Tenente Barroso*, *Major Fagundes*, entre outros; de altos cargos e títulos nobiliárquicos: *Presidente Bemardes*, *Condessa Pereira Carneiro* ou àqueles que possuem o título Dom: *D. Pedro*, *D. Clemente* (Cunha, Cintra, 2017, p.307)

Por fim, assim como Cegalla (2004), os autores Cunha & Cintra explicam que a palavra *senhor* também assume, tanto em Portugal quanto no Brasil, a forma *seu* quando anteposta a um nome próprio. São comuns na Língua Portuguesa, formas de tratamento como *seu Firmino*, *Seu José*, entre outras.

Evanildo Bechara (2010), em sua Gramática Escolar da Língua Portuguesa, também tece comentários acerca do uso das formas de tratamento. Para o autor, em português, há formas substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa responsáveis por transformar o verbo para a 3ª pessoa, as quais classifica como *formas substantivas de tratamento* ou, então, *formas pronominais de tratamento*. Para exemplificar, explica que o uso da forma *você(s)* seria recomendado para o tratamento familiar, enquanto as formas *senhor* e *senhora* seriam indicadas para um tratamento cerimonioso (Bechara, 2010, p. 133).

Diante do exposto, entende-se que as formas de tratamento na Língua Portuguesa refletem tanto aspectos sociais quanto culturais, sendo instrumentos que regulam a interação entre os falantes. A análise das gramáticas de Fávero (2017), Cegalla (2004), Cunha & Cintra (2017) e Bechara (2010) evidencia que, embora existam variações regionais e contextuais, há consenso quanto à função comunicativa dessas formas: *você* tende a ser empregado em situações informais ou de maior proximidade, enquanto *senhor* e *senhora* assumem caráter respeitoso e formal. Assim, compreender essas escolhas linguísticas permite reconhecer não apenas regras gramaticais, mas também valores e relações sociais que estão presentes na sociedade.

A REALIDADE LOCAL E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ESCOLA CÍVICO-MILITAR DE VIANA/ES

A região onde está localizada a escola investigada é considerada urbana, porém com características bem típicas de uma zona rural. Seguindo a proposta de Bortoni-Ricardo, podemos situar a escola EMEFCM Professora Divaneta Lessa de Moraes como localizada na zona rurbanda. Ao transitar pela região, fica notória a presença de porcos, gado, galinhas soltas andando pelas ruas. A população do bairro é considerada como classe média baixa ou baixa, e o local apresenta muitos problemas sociais. Os pontos atrativos da região são campos de futebol, bares, igrejas e lanchonetes.

Grande parte dos moradores da região garante sua subsistência por meio da coleta de materiais recicláveis, da extração de bambu para a produção de palitos de churrasco e do artesanato em geral. O bairro enfrenta sérios problemas ambientais: o rio Formate, que o atravessa, encontra-se poluído e impróprio para uso; há acúmulo de lixo, inclusive nas imediações da escola; e o ar sofre com a poluição decorrente da atividade industrial local próxima. Além disso, o bairro carece de espaços de lazer, como praças. Os lotes das residências, em sua maioria amplos, são utilizados pelos moradores para o cultivo de frutas, plantas medicinais e outros itens destinados ao consumo próprio.

Figura 1: Localização da EMEFCM Professora Divaneta Lessa de Moraes - área da escola em destaque



Fonte: Subsecretaria de Obras e Tecnologia de Viana. Acesso em 11 de dezembro de 2025.

Em 11 de agosto de 2021, realizou-se uma assembleia com a comunidade do bairro Campo Verde, no município de Viana, Espírito Santo. Estiveram presentes o diretor da instituição, pais de alunos, moradores da região, representantes da Secretaria Municipal de Educação e o prefeito do município. Na ocasião, foi apresentado o projeto de implantação da segunda escola cívico-militar de Viana, a ser instalada na então EMEF Professora Divaneta Lessa de Moraes. Após a exposição dos principais pontos do projeto pela Secretaria de Educação, a comunidade pôde manifestar-se quanto à adoção, ou não, do novo modelo de ensino. Com mais de 90%

de aprovação, ficou definida a transformação da unidade escolar em escola cívico-militar, que passou a denominar-se EMEFCM Professora Divaneta Lessa de Moraes.

A homologação foi formalizada pela seguinte portaria:

Nos termos do art. 18 da Lei Municipal nº 1931, de 11 de junho de 2007, a Secretaria Municipal de Educação HOMOLOGA o Parecer CMEV nº 001/2021 do Conselho Municipal de Educação de Viana, aprovado em 11 de agosto de 2021, que dispõe sobre a autorização de funcionamento da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cívico-Militar Professora Divaneta Lessa de Moraes. Viana, 30 de agosto de 2021. (Prefeitura de Viana, 2021)

No ano seguinte, em 22 de fevereiro de 2022, iniciou-se o ano letivo na escola cívico-militar, mas as aulas presenciais começaram posteriormente às demais unidades da rede municipal, devido à reforma realizada para adequação da escola às exigências do novo modelo. Enquanto as aulas presenciais não eram retomadas, o atendimento aos estudantes ocorreu por meio de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs).

No final de 2022, foi aprovada pela prefeitura de Viana a troca de turnos da EMEFCM Professora Divaneta Lessa de Moraes. Ficou decidido que, em 2023, o Fundamental I, composto pelas turmas do 1º ao 5º ano, seria oferecido no turno vespertino, e o Fundamental II, composto pelas turmas de 6º ao 9º ano, no matutino, sendo a mesma organização da outra unidade cívico-militar do município. Quando a troca de turnos foi aprovada, os professores que não poderiam permanecer na escola no novo turno proposto foram realocados em outras unidades do município. A mudança foi vista como positiva pelos professores e trio gestor do Fundamental II, uma vez que para eles os alunos de 6º ao 9º ano aparentavam estar mais “calmos” pela manhã, o que facilitava a organização das turmas e o desempenho nas aulas.

Outra mudança mencionada pelo corpo docente foi a diminuição de pessoas que não estudavam na escola, mas tinham o hábito de ficar no portão da unidade de ensino. Segundo os professores, quando as aulas do Ensino Fundamental II funcionavam no turno vespertino era comum ter, tanto na entrada quanto na saída dos alunos, várias pessoas de bicicleta que não estudavam na escola, mas que ficavam no portão. Agora, com o Fundamental II no turno matutino, essa movimentação teria diminuído bastante.

METODOLOGIA

A produção da Carta ao diretor foi adotada como estratégia metodológica com o objetivo de analisar as escolhas linguísticas dos estudantes, em especial no que se refere às formas de tratamento empregadas. Essa proposta¹ possibilitou observar não apenas os recursos formais da língua utilizados na escrita, mas também a forma como os alunos representam e percebem a figura do diretor dentro da instituição escolar. Dessa maneira, a atividade constituiu-se como instrumento de coleta de dados capaz de revelar aspectos linguísticos, sociais e culturais presentes no contexto investigado. Para isso, foi elaborada uma proposta de redação que orientava que os alunos, do 6º ao 9º ano, escrevessem uma carta para o diretor solicitando sua autorização para que a turma realizasse um passeio a um parque que estava na cidade. A intenção dessa atividade foi observar as escolhas de tratamento que os alunos fariam ao se dirigirem, em um contexto monitorado, ao gestor da escola, topo da cadeia hierárquica da instituição. Vale ressaltar que não houve nenhum tipo de revisão prévia quanto ao conteúdo que aborda os pronomes de tratamento, assim como também não houve nenhuma revisão/orientação quanto à estrutura do gênero textual carta.

Os estudantes foram instruídos a escrever a carta² de solicitação destinada ao diretor da escola, com o propósito de conseguir permissão para uma visita a um parque que passaria uma temporada na região. Essa situação hipotética específica, apresentada aos estudantes nessa proposta de redação, foi escolhida por representar um cenário comum no cotidiano escolar, em que os alunos, durante o ano letivo, realizam diferentes visitas técnicas ou aulas externas, como forma de proporcionar uma compreensão prática dos objetos de conhecimento aprendidos durante as aulas, além de diversificar as metodologias de ensino e as práticas pedagógicas destinadas aos estudantes.

¹ Este estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética sob o protocolo nº 63013722.0.0000.5542, em 07 de novembro de 2022.

² A carta, com sua comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas, parece ser um meio flexível no qual muitas funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções (Bazermam, 2005, p.83).

Ao aplicarmos a proposta de redação da carta de solicitação entre os estudantes que compõem a unidade de ensino investigada, também consideramos interessante controlar, como variável, o posicionamento desses alunos em relação à escola cívico-militar, por meio do questionamento se eles “gostavam (ou não) de estudar em uma escola cívico-militar”. Na ocasião da aplicação da proposta de redação, foi solicitado que sinalizassem tal posicionamento assinalando a opção correspondente antes de iniciar a produção textual. Posteriormente, os dados referentes a esse posicionamento foram tabulados e comparados (para validação) com os questionários anteriores e com os registros da escola, documentados em diário de pesquisa.

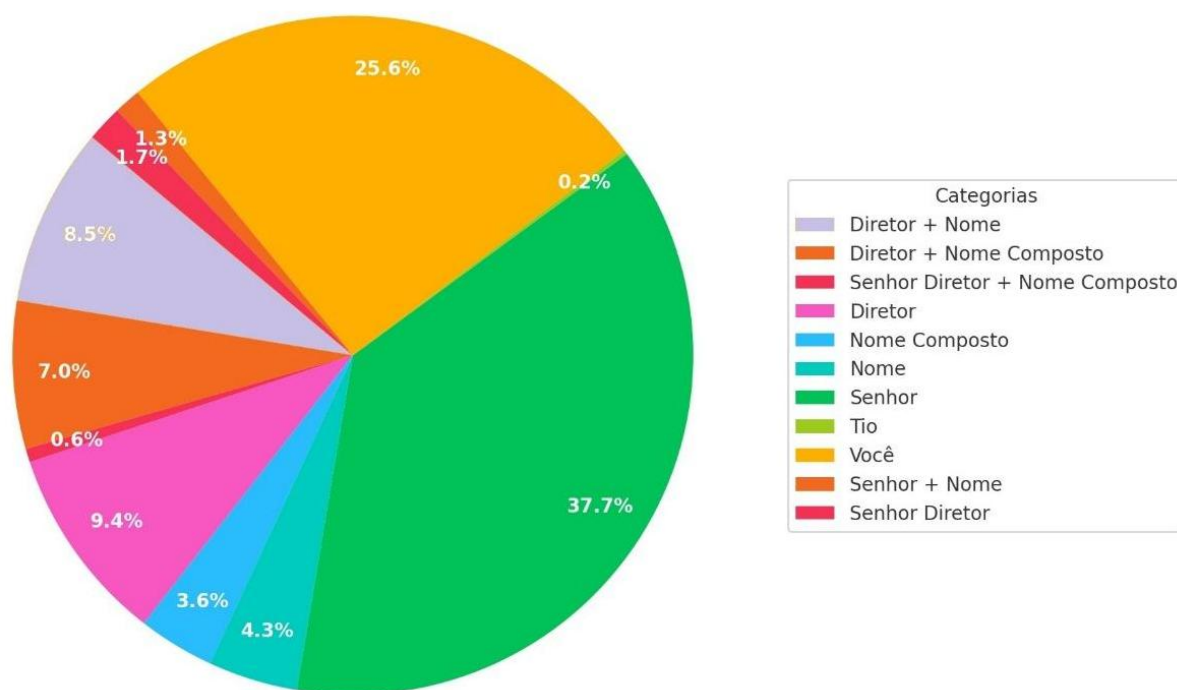
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para investigar a variação no uso das formas de tratamento em um contexto de maior monitoramento, os estudantes do Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano) da instituição analisada foram convidados a produzir uma carta de solicitação destinada ao diretor da escola. Na mesma atividade, também foram estimulados a apresentar sua opinião sobre o pertencimento/adesão à escola cívico-militar. A proposta partiu do pressuposto de que a instituição, marcada por uma estrutura hierárquica bem definida — com o diretor no topo da cadeia de comando — constitui um ambiente propício para observar como os estudantes se posicionam linguisticamente ao se dirigir à principal figura de autoridade escolar.

A redação baseada em um contexto fictício buscou revelar, sem intervenções ou orientações sobre estilo, as escolhas espontâneas dos estudantes quanto às formas de tratamento. Nosso objetivo era examinar essas escolhas e relacioná-las a fatores sociais, como escolaridade, sexo/gênero e grau de adesão à escola cívico-militar, além de verificar como esses elementos influenciavam os posicionamentos observados no ambiente escolar e o fenômeno da variação linguística. A aplicação da proposta em toda a escola também permitiu avaliar se as escolhas dos estudantes estavam alinhadas ao grau de formalidade esperado em um texto escrito e monitorado, especialmente por envolver o diretor como figura de autoridade em um contexto cívico-militar.

Durante o processo, alguns desafios surgiram: parte dos alunos recusou-se a participar, reduzindo a quantidade de textos disponíveis, e várias cartas não continham nenhuma forma de tratamento. Ao final, foram obtidas 162 cartas, com um total de 470 ocorrências de formas de tratamento e foram identificadas 11 diferentes formas de tratamento³: i) Diretor + Nome; ii) Diretor + Nome Composto; iii) Senhor Diretor + Nome composto; iv) Diretor; v) Nome composto; vi) Nome; vii) Senhor; viii) Senhor + Nome; ix) Senhor Diretor; x) Você e xi) Tio.

Gráfico 1 - Formas de Tratamento identificadas nas cartas de solicitação produzidas pelos estudantes e destinadas ao diretor da escola



Fonte: Elaboração própria

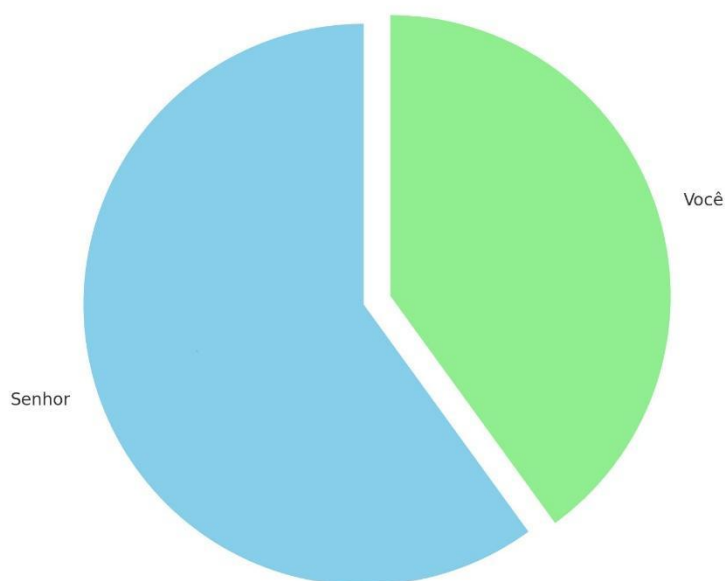
A análise das cartas revela ampla variação nas formas de tratamento empregadas pelos estudantes do 6º ao 9º ano ao se dirigirem ao diretor, refletindo diferentes graus de formalidade, distância social e concepções sobre autoridade escolar. A forma mais recorrente foi *Senhor* (37,7%), indicando forte tendência ao uso de um tratamento formal, coerente com um contexto monitorado e com a posição

³ O gestor da instituição possui um nome composto, característica que influenciou as formas de tratamento empregadas pelos estudantes ao se referirem a ele. Durante a análise das interações, foi possível identificar variações no uso do nome, com alguns estudantes optando por formas que utilizavam apenas o primeiro nome, enquanto outros adotavam o nome composto completo.

hierárquica do destinatário. Em seguida, destaca-se o uso de *Você* (25,6%), que sugere uma relação mais próxima e menos hierarquizada entre alunos e direção, contrariando parcialmente as expectativas de maior formalidade. Outras formas, como *Diretor + Nome* (8,5%), *Diretor* (9,4%) e *Diretor + Nome Composto* (7,0%) mostram tentativas de intensificar o respeito combinando títulos e nomes, enquanto escolhas como *Tio* (0,2%) e *Senhor + Nome* (1,3%) revelam estratégias mais afetivas ou híbridas, mas com baixa taxa de uso. A presença de múltiplas estratégias - incluindo nomes simples, nomes compostos e combinações variadas com títulos - evidencia que os estudantes não compartilham um modelo único de tratamento adequado ao diretor, revelando tanto a heterogeneidade sociolinguística do grupo quanto diferentes interpretações sobre o nível de formalidade esperado em uma carta de solicitação ao diretor de instituição cívico-militar.

Destaca-se ainda que essa ampla variação no tratamento utilizado pelos estudantes para se referir ao gestor da instituição representou um desafio metodológico, uma vez que a dispersão dos dados entre múltiplas variantes dificulta a identificação de padrões consistentes em relação à análise linguística, o que pode comprometer a representatividade estatística desses dados. Frente a esse panorama, decidimos concentrar nossa análise nas formas de tratamento mais frequentemente empregadas nas cartas destinadas ao diretor: *Você* (tratamento informal) e *Senhor* (tratamento formal). Essa decisão foi tomada considerando a expressa quantidade dessas variantes nas cartas produzidas pelos estudantes e pela sua pertinência para compreender como as escolhas linguísticas (formais/informais) se relacionam com os posicionamentos individuais dos estudantes e com os valores promovidos pelo modelo cívico-militar.

Gráfico 2 - Distribuição das formas de tratamento “senhor” e “você” identificadas nas cartas de solicitação produzidas pelos estudantes e destinadas ao diretor da escola



Fonte: Elaboração própria

Após a delimitação dos dados para a análise, foram identificadas 297 ocorrências relacionadas ao tratamento dirigido ao diretor, distribuídas entre as formas *você* (tratamento informal), com 120 dados (40%), e *senhor* (tratamento formal), com 177 dados (60%). Essa distribuição evidencia uma tensão interessante entre escolhas formais e informais no contexto das cartas. Embora a forma *senhor* seja majoritária — o que se alinha às expectativas de um contexto escrito, monitorado e dirigido a uma figura de autoridade — o percentual expressivo de *você* revela que uma parcela significativa dos estudantes não adere ao padrão formal esperado. A presença de *você* pode indicar maior aproximação entre estudantes e direção, menor sensibilidade às hierarquias institucionais ou simplesmente o reflexo de práticas linguísticas cotidianas, nas quais o pronome informal predomina nas interações. Já o uso de *senhor* sugere não apenas maior adequação às normas escolares e à estrutura hierárquica da instituição, mas também a percepção do diretor como figura distante ou superior. A coexistência dessas duas estratégias aponta para a heterogeneidade sociolinguística do grupo e para diferentes formas de interpretar o ato de escrever a alguém em posição de autoridade. Esses resultados reforçam que as normas de polidez e

formalidade são sensíveis a fatores sociais, individuais e contextuais, não seguindo um padrão homogêneo entre os estudantes do Ensino Fundamental II.

Com o objetivo de aprofundar e compreender melhor esses resultados, analisamos duas variáveis sociais: (i) o nível de escolaridade (do 6º ao 9º ano) e (ii) o sexo/gênero dos participantes. Além disso, observamos a preferência dos estudantes quanto ao pertencimento ou não a uma escola cívico-militar. Quanto às variáveis linguísticas, controlamos a posição das formas de tratamento na carta de solicitação: saudação inicial, abertura, desenvolvimento e despedida; e suas funções sintáticas: vocativo, sujeito, dupla função, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva.

Em seguida, os dados foram submetidos ao programa estatístico GoldVarb X⁴ para a análise de percentuais e pesos relativos. Esse software, desenvolvido para ambiente Windows, é uma versão do pacote de programas computacionais conhecido como Varbrul (Sankoff, 1988). Esse processo possibilitou uma análise detalhada do uso das formas de tratamento nas cartas, oferecendo uma compreensão mais ampla sobre a relação entre questões linguísticas e sociais na escolha das formas de tratamento pelos estudantes da escola cívico-militar.

Ao realizar a rodada de aplicação no GoldVarb X, em função do uso da forma *senhor*, verificamos que, dentre todas as variáveis sociais e linguísticas inicialmente controladas, apenas duas variáveis sociais foram selecionadas como estatisticamente relevantes para a escolha de *senhor versus você*: (i) a preferência dos estudantes quanto ao pertencimento (ou não) a uma escola cívico-militar e (ii) o nível de escolaridade (do 6º ao 9º ano). A variável sexo/gênero e todas as variáveis linguísticas analisadas não foram selecionadas pelo modelo, indicando que, para este conjunto de dados, tais fatores não exercem influência significativa na variação observada. Esse resultado reforça a centralidade da relação entre valores socioculturais internalizados - associados ao modelo cívico-militar - e o estágio de escolarização dos estudantes,

⁴ “A análise se chama ‘multivariada’ porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente”. (Guy e Zilles, 2007, p. 105).

destacando que as escolhas de formas de tratamento parecem estar mais vinculadas à adesão ou distanciamento em relação ao *ethos* institucional e ao percurso formativo do que a diferenças de gênero ou a condicionamentos estritamente estruturais da língua.

A seguir, serão discutidos os resultados referentes à influência da variável social “Escolaridade” na escolha do tratamento *Senhor*.

Tabela 1 - Influência da variável “Escolaridade” na escolha do tratamento *senhor x você* nas cartas de solicitação produzidas pelos estudantes e destinadas ao diretor da escola

Escolaridade	Aplicação/Total	Frequência (%)	Peso Relativo
6º ano	46/92	50%	0.336
7º ano	11/24	46%	0.275
8º ano	105/161	65%	0.623
9º ano	15/20	75%	0.565
Total	177/297	59,6%	Range: 348

Significância = 0.005

Fonte: Elaboração própria

Os resultados apresentados indicam que a variável “Escolaridade” tem influência significativa no uso do pronome de tratamento *Senhor*, evidenciando um padrão crescente de formalidade à medida que os estudantes do Ensino Fundamental II, da escola cívico-militar investigada, avançam nos anos escolares. Nos 6º e 7º anos, o uso do tratamento *Senhor* corresponde, respectivamente, a 50% e 46% das interações, com pesos relativos de 0.33 e 0.27. Esses resultados sugerem que, embora o tratamento formal já esteja presente, ainda não é um comportamento estabilizado, possivelmente refletindo o contato ainda inicial dos estudantes que estão iniciando o segmento que corresponde ao Ensino Fundamental II com as normas de formalidade da Língua Portuguesa.

Já nos 8º e 9º anos, a frequência correspondente ao uso do tratamento *Senhor* aumenta consideravelmente, alcançando 65% no 8º ano, com peso relativo de 0.62, e 75% no 9º ano, com peso relativo de 0.56 (possivelmente devido ao menor número de dados). Acreditamos que esse crescimento percentual possa indicar que, nesse período, os estudantes passam a adotar de forma mais consistente o tratamento formal em contextos que exigem maior formalidade, como, por exemplo, em uma carta direcionada ao gestor da instituição onde estudam, conforme solicitado na proposta

de redação que produziram. Além disso, compreendemos que essa mudança de comportamento linguístico é reforçada pelo contexto escolar, que enfatiza a necessidade de utilizar a norma culta em situações de maior formalidade, respeitando contextos que exprimem respeito e hierarquia.

[...] a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que **ela atua como preservadora de formas de prestígio**, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades (Votre, 2012, p. 51, grifos nossos).

A análise dos dados obtidos por meio das cartas produzidas pelos estudantes demonstra que as escolhas linguísticas podem variar em função de fatores sociais, como escolaridade. Ademais, a progressão no uso do pronome *Senhor* ao longo dos anos escolares destaca o papel da escola como um espaço que reforça práticas comunicativas alinhadas às normas de respeito e formalidade. Por fim, entende-se que o tratamento estatístico por meio dos pesos relativos assegura o entendimento de que a variável social "Escolaridade" é estatisticamente relevante no que diz respeito à adoção do tratamento formal em contextos de maior monitoramento.

A escolarização continuada, refinando a consciência linguística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes linguísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva. [...] Em síntese, a ocorrência das variantes linguísticas prestigiadas socialmente está correlacionada de forma saliente à variável escolaridade. (Paiva e Scherre, 1999, p. 217-218)

Passamos, então, a examinar especificamente as formas de tratamento *Senhor* e *você* entre os estudantes que declararam gostar de estudar em uma escola cívico-militar, buscando verificar em que medida essa preferência se reflete nas escolhas linguísticas feitas nas cartas. Os resultados gerais para todos os anos revelam uma forte predominância do tratamento formal *senhor*, que corresponde a 84% das 186 ocorrências (156 dados), enquanto o tratamento informal *você* aparece em apenas 16% dos casos (30 dados). Essa tendência ao uso formal se mantém em todos os anos descritos na tabela 2, embora com variação crescente: no 6º ano, 79% das ocorrências são de *senhor*, passando para 88% no 8º ano e chegando a 94% no 9º ano. Essa

distribuição sugere que os estudantes mais inclinados ao modelo cívico-militar tendem a adotar práticas linguísticas mais compatíveis com a estrutura hierárquica e disciplinar da instituição, reforçando, por meio da linguagem, o respeito e a distância social esperados na interlocução com o diretor. Dessa forma, a predominância de *senhor* entre esse grupo indica uma relação entre a preferência pelo modelo cívico-militar e a escolha por formas de tratamento mais formais.

Tabela 2- Uso dos tratamentos *senhor* x *você* nas cartas dos alunos que gostam do modelo cívico-militar

	6º ano		7º ano		8º ano		9º ano	
	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%
Senhor	45/57	79%	10/15	67%	86/98	88%	15/16	94%
Você	12/57	21%	05/15	33%	12/98	12%	01/16	6%

Fonte: Elaboração própria

Ao analisar as formas de tratamento empregadas pelos estudantes que declararam não gostar de estudar em uma escola cívico-militar, observamos um comportamento linguístico radicalmente distinto daquele identificado entre os alunos que preferem esse modelo. No total, foram registradas 111 ocorrências, das quais apenas 21 correspondem ao tratamento formal *senhor* (19%), enquanto 90 são do tratamento informal *você* (81%). A Tabela 3 demonstra que essa predominância do informal se repete em todos os anos escolares, com destaque para o 6º ano, no qual 97% dos usos são de *você*, e para o 9º ano, em que todas as ocorrências correspondem à forma informal. Embora o 8º ano apresente uma proporção um pouco maior de *senhor* (30%), ainda assim o uso de *você* permanece majoritário. Esse padrão indica que os estudantes que rejeitam o modelo cívico-militar tendem a estabelecer uma relação menos hierárquica e menos formal com a figura do diretor, o que se reflete na escolha massiva de *você*. Em outras palavras, a não adesão ao modelo parece estar associada a uma menor disposição para reforçar, por meio da linguagem, a distância social e os valores de disciplina e autoridade característicos desse tipo de instituição.

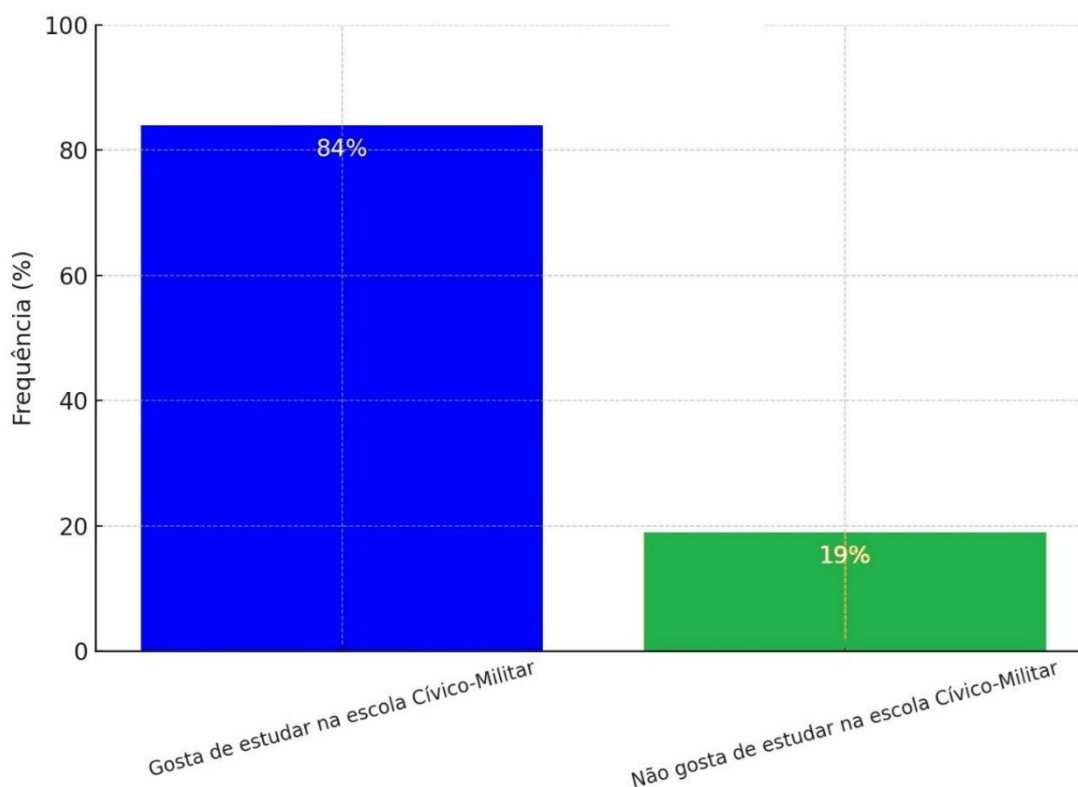
Tabela 3 - Uso dos tratamentos *senhor* x *você* nas cartas dos alunos que não gostam do modelo cívico-militar

	6º ano		7º ano		8º ano		9º ano	
	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%	Apli/Total	%
Senhor	01/35	03%	01/09	11%	19/63	30%	00/04	0
Você	34/35	97%	08/09	89%	44/63	70%	04/04	100%

Fonte: Elaboração própria

O Gráfico 3 reforça, de maneira contundente, a diferença no comportamento linguístico entre os estudantes que gostam e os que não gostam de estudar em uma escola cívico-militar. Entre aqueles que expressam apreço pelo modelo, observa-se um percentual extremamente elevado de uso do tratamento *senhor* (84%), indicando forte aderência a práticas linguísticas mais formais e alinhadas à lógica hierárquica e disciplinar característica desse tipo de instituição. Em contraste, apenas 19% dos estudantes que afirmaram não gostar desse modelo recorreram ao tratamento formal, evidenciando que a maioria opta por estratégias mais informais, frequentemente materializadas no uso de *você*. Esse contraste acentuado sugere que a escolha entre formas formais e informais não se limita a uma questão de competência linguística, mas revela posicionamentos sociais e ideológicos em relação à escola. Assim, os dados mostram que a adesão - ou rejeição - ao modelo cívico-militar influencia diretamente a maneira como os estudantes constroem a relação com a autoridade escolar por meio da linguagem, tornando visível, nos textos, o alinhamento ou o distanciamento em relação aos valores institucionais.

Gráfico 3 - Influência da variável "gosta (ou não) de estudar em uma escola cívico-militar" na escolha do tratamento *senhor*



Fonte: Elaboração própria

A Tabela 4 aprofunda essa discussão ao apresentar valores percentuais que confirmam, com robustez, a influência da variável "gostar (ou não) de estudar em uma escola cívico-militar" na escolha das formas de tratamento. O peso relativo atribuído ao grupo que "gosta do modelo" (0.777) é o mais elevado da análise, indicando forte propensão ao uso do tratamento formal *senhor*, presente em 84% das ocorrências (156/186). Já o grupo que "não gosta da escola cívico-militar" apresenta peso relativo extremamente baixo (0.110), refletindo sua tendência majoritária ao não uso do tratamento formal, observado em apenas 19% de ocorrências de *senhor* (21/111). O range elevado (0.667) evidencia grande distância entre os dois grupos, reforçando que essa variável é altamente discriminatória no modelo. Além disso, a significância estatística ($p = 0.005$) confirma que as diferenças observadas não são fruto do acaso, mas refletem comportamentos linguísticos sistemáticos. Esses resultados mostram que a escolha entre *senhor* e *você* está profundamente relacionada ao posicionamento ideológico e afetivo dos estudantes diante do modelo cívico-militar: aqueles que se identificam com a instituição reforçam a hierarquia por meio de formas formais,

enquanto os que dela se distanciam optam por expressões que atenuam a assimetria entre aluno e diretor.

Tabela 4 - Influência da variável "gosta (ou não) de estudar em uma escola cívico-militar" na escolha do tratamento *senhor* x *você*

Gosta (ou não) de estudar em uma escola cívico-militar	Aplicação/Total	Frequência (%)	Peso Relativo (.)
Gosta de estudar na escola Cívico-Militar	156/186	84%	0.777
Não gosta de estudar na escola Cívico-Militar	21/111	19%	0.110
Total	177/297	59,6%	Range: 667
	Significância =		
	0.005		

Fonte: Elaboração própria

Entendemos que a diferença substancial na escolha do tratamento para se referir ao gestor, nas produções textuais, sugere que a visão positiva em relação ao modelo cívico-militar adotado na instituição pode estar associada a uma maior adesão, por parte de alguns estudantes, às normas consideradas gramaticalmente mais formais, o que é recomendável dado o contexto de hierarquia típico do ambiente escolar.

Assim, o uso da forma de tratamento *Senhor* pode refletir uma maior identificação com os valores de disciplina e respeito promovidos pelas escolas, incluindo as cívico-militares, aspectos mais internalizados por estudantes que apreciam esse modelo de ensino. Por outro lado, a baixa frequência de uso da forma *Senhor* entre os estudantes que indicaram não gostar de estudar em uma escola cívico-militar pode sinalizar resistência ou distanciamento em relação às normas de formalidade e respeito hierárquico, características marcantes desse modelo educacional. Acreditamos que esse grupo de estudantes prefira a forma de tratamento *você*, considerada pela Gramática Normativa como mais informal, para se referir ao gestor da instituição, como uma maneira de expressar desconexão ou descontentamento com a ideia de hierarquia exemplificada por sua figura, possivelmente em decorrência de menor identificação com os valores promovidos pela escola.

Os resultados obtidos para a variável "Gostar (ou não) de estudar em uma escola cívico-militar" destacam a relevância dos posicionamentos individuais e do contexto sociocultural na escolha de uma variante linguística, corroborando pressupostos da Sociolinguística que discutem a relação entre fatores sociais e a variação no uso da linguagem. Entendemos que a associação entre gostar (ou não) de estudar em uma escola cívico-militar e o uso da forma de tratamento *Senhor* reflita como as escolhas linguísticas dos estudantes podem ser influenciadas pelo ambiente e pelos valores que ele promove.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo dialoga com os avanços teórico-metodológicos da Sociolinguística ao reconhecer que a identidade linguística é construída socialmente, em constante negociação com o ambiente, com as interações e com os diferentes estilos de fala disponíveis aos sujeitos. Observou-se que as escolhas linguísticas dos estudantes do Ensino Fundamental II, situados em um contexto cívico-militar, não apenas refletem aspectos de sua identidade social, mas também projetam suas percepções sobre a hierarquia institucional que estrutura o cotidiano escolar. Nesse sentido, buscou-se compreender como esses adolescentes mobilizam recursos linguísticos para construir, sustentar ou tensionar identidades, tendo em vista as relações de poder que organizam o espaço escolar e as transformações culturais que o atravessam.

Os resultados deste estudo também reforçam a pertinência de uma abordagem ancorada na Sociolinguística Educacional, tal como proposta por Bortoni-Ricardo (2005), para a compreensão das práticas linguísticas em contextos escolares marcados por forte assimetria institucional. Segundo Bortoni-Ricardo (2005),

O ponto de partida da sociolinguística educacional não é a descrição da variação *per se*, mas sim a análise minuciosa do processo interacional, na qual se avalia o significado que a variação assume. A atenção do estudioso tem de estar voltada para os padrões de emprego da variação e para os significados que essa tem no processo interacional para os atores ali envolvidos. Os significados que a variação assume podem variar muito. Para alguns alunos, por exemplo, o uso do dialeto vernáculo pode ser indicador de inserção numa cultura de rua que prezam; para outros o domínio de estilos monitorados

representa prestígio. Entre os professores, do mesmo modo, haverá aqueles que atribuem valor muito negativo à variação e outros que a veem como uma característica natural dos alunos, indicadora de sua cultura. Estes últimos estão mais aptos a praticar e permitir que se pratique uma alternância de estilos em sala de aula, de acordo com as características do processo interacional. Estão também mais aptos a entender o ensino de estilos monitorados como uma apropriação de recursos e informações que se processa naturalmente, à medida que os alunos amadurecem e vão assimilando conhecimentos na escola. Os significados que os alunos e professores atribuem à variação são múltiplos e precisam ser bem interpretados se quisermos desenvolver um estudo de sociolinguística educacional. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 132-133)

Conforme enfatiza a autora, o foco analítico não deve recair exclusivamente sobre a descrição da variação linguística em si, mas sobre a interpretação dos significados sociais que essa variação assume no processo interacional e para os atores nele envolvidos. Nesse sentido, a análise das formas de tratamento *você* e *senhor* em cartas dirigidas ao diretor de uma escola cívico-militar permitiu observar como os estudantes atribuem sentidos específicos às escolhas linguísticas que realizam, mobilizando-as como recursos simbólicos para se posicionar diante da hierarquia escolar.

A predominância de formas mais monitoradas, especialmente *senhor*, nos dados analisados, indica que os estudantes reconhecem e indexam linguisticamente a autoridade institucional do interlocutor, alinhando-se a expectativas de respeito, disciplina e deferência que estruturam o modelo cívico-militar. Tal comportamento linguístico não deve ser interpretado como simples reprodução normativa ou apagamento da identidade juvenil, mas como uma estratégia interacional situada, por meio da qual os alunos demonstram domínio de estilos formais e os acionam de maneira funcional e socialmente significativa. Como observa Bortoni-Ricardo (2005), para alguns sujeitos o uso de estilos monitorados representa prestígio e acesso a recursos simbólicos valorizados no espaço escolar - aspecto que se mostra particularmente relevante no contexto investigado.

Ao mesmo tempo, a coexistência - ainda que menos frequente - de formas como *você* evidencia que a variação permanece ativa mesmo em ambientes altamente regulados, revelando que identidades, valores e alinhamentos não são homogêneos nem fixos. Essas oscilações apontam para um processo contínuo de negociação

identitária, no qual os estudantes ajustam suas escolhas linguísticas às condições interacionais específicas, às expectativas institucionais e às imagens de si que desejam projetar. Assim, a variação observada não reflete identidades previamente dadas, mas constitui parte de um processo dinâmico e performativo de construção identitária.

Dessa forma, os dados analisados sugerem que compreender os significados atribuídos à variação linguística - tanto pelos alunos quanto pelos agentes institucionais - é fundamental para interpretar o funcionamento das práticas de linguagem na escola. Ao iluminar os usos de *você* e *senhor* como práticas sociais situadas, este estudo contribui para a compreensão de como a linguagem participa da organização das relações de poder e da produção de sentidos de respeito e autoridade no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFMAGEL, Judith Chambliss. São Paulo: Cortez, 2005.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa/Evanildo Bechara**, - 2ed. Ampliada e atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? sociolinguística & educação**. Parábola, 2005.
- BRASIL. **Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019**. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2019/decreto-10004-5-setembro-2019-789086-publicacaooriginal-159009-pe.html>. Acesso em: 2 nov. 2019.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro, Lexikon, 2017.
- FÁVERO, L. L. **Formas de tratamento e cortesia no diálogo de jovens do Português brasileiro**. PUC/USP/CNPq, 2017.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

PAIVA, M. da C. de; SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 15, p. 201-232, 1999.

SANKOFF, D. *Variable Rules*. In Ammon, U., Dittmar, N. & Mattheier, K.J. (eds) **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society** Vol. 2. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2003.